

What am I doing here? Duas Figuras na Literatura de Viagem

Karl Erik Schollhammer *

Resumo: A pergunta *What am I doing here?* é o título do diário do escritor inglês Bruce Chatwin e o artigo discute duas figuras na literatura de viagem ao comparar sua configuração literária contemporânea na obra de Chatwin com a perspectiva do século XIX a partir do exemplo do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund.

Palavras-chave: Bruce Chatwin. Peter Wilhelm Lund. Literatura de Viagem

Abstract: The question - *What am I doing here?* - is the title of the British author Bruce Chatwin's diary and this essay discusses two figures in travel writing comparing its contemporary literary configuration in the work of Chatwin with the XIXth century perspective through the example of the Danish scientist Peter Wilhelm Lund.

Keywords: Bruce Chatwin. Peter Wilhelm Lund. Travel writing

A pergunta deste ensaio – “O que estou fazendo aqui?” – vem do título de um livro póstumo de escritos jornalísticos, publicado em 1983, do escritor inglês Bruce Chatwin, cuja obra marca uma convergência singular entre a figura da viagem e a criatividade poética no final do século XX. Chatwin foi conhecido por uma obra curta e sucinta de apenas cinco livros publicados em vida. A originalidade de sua escrita se refletia na natureza híbrida entre literatura de viagem e

* Professor associado do departamento de Letras da PUC-Rio, pesquisador com bolsa de produtividade do CNPq e *Cientista do Nosso Estado* da Faperj (2007-2010). É autor e editor de vários livros, entre eles: *Linguagens da Violência* (2000), *Novas Epistemologias* (2000), *Literatura e Mídia* (2002), *Literatura e Cultura* (2003), *Literatura e Imagem* (2005), *Literatura e Memória* (2006), *Henrik Ibsen no Brasil* (2008) e *Literatura e Crítica* (2009) e *Além do Visível - O Olhar da Literatura* (2007).

ficção romanesca na formação de um gênero de difícil determinação que misturava a pesquisa científica com as diversas formas de testemunho do viajante (diário, cartas, relato de viagem e aventura de investigação). Explorarei a seguir a figura, ou melhor, a metáfora da “viagem” na sua configuração literária contemporânea de Chatwin, e logo discutirei a mesma questão na perspectiva do século XIX, a partir do exemplo do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund.

Desde o início da cultura ocidental, a viagem tem sido condutora de um programa de exploração, colonização e domesticação do mundo e, ao mesmo tempo, continua simbolizando o desafio, o estranhamento e a transgressão dos limites da nossa concepção da realidade, tornando-se assim uma figura produtiva numa grande parte da literatura moderna e modernista. Proponho refletir sobre o destino dessa convergência entre a viagem e a literatura num mundo que já não apresenta mais nenhuma terra sem a presença positiva ou negativa da civilização, nenhum limite geográfico para a exploração do desconhecido e nenhum exterior absoluto do planeta. No momento em que a relação com o outro não se define mais em termos de interior vs. exterior, mas em termos de identidade e alteridade, as fronteiras se deslocam da geografia para a história, para a antropologia e, principalmente, para o discernimento na memória do que pertence à experiência vivida e do que é construído pelo esforço do conhecimento e da compreensão humana muitas vezes auxiliado pela ficção.

A carreira do escritor inglês, Bruce Chatwin, foi a de um cometa poderoso que iluminou o hemisfério literário entre 1977, com a edição de seu primeiro livro *Na Patagônia*, até sua morte prematura, em 1989, em decorrência da AIDS. Dos cinco livros publicados em vida, apenas dois podem ser caracterizados como livros de viagem, propriamente, mas toda a reflexão de Chatwin está intimamente ligada à questão do deslocamento, do nomadismo, da viagem e da inquietação. Após seu falecimento, foram publicados dois livros com escritos jornalísticos e de ensaios além de um livro de fotos tiradas pelo escritor. No segundo desses livros, *A Anatomia da Inquietude* (*Anatomy of Restlessness: Selected Writings*

1969-1989), encontram-se alguns dos escritos de Chatwin que formaram parte de um projeto ambicioso, anterior ao livro de estréia, intitulado *A Alternativa nômade* (*The Nomadic Alternative*). Nesse projeto inconcluso, Chatwin pretendia realizar uma pesquisa ampla das culturas nômades da pré-história e da atualidade e explorar os mitos fundadores dessa questão como por exemplo a história do velho testamento de Caim e Abel, que Chatwin em vários momentos analisa como o conflito originário entre o colono e o nômade. Entre a apropriação da terra e a inquietude evasiva, entre a saudade do lar e o que Baudelaire (1887) chamou de “grande maladie de l’horreur du domicile”¹. O colono camponês Caim inveja a liberdade do pastor nômade Abel e o mata, sendo por isso condenado a sempre vagar ao leste do paraíso sem repouso nem descanso. Para Chatwin esse conflito, esse paradoxo, entre viajar ou se estabelecer, é o centro de sua filosofia ou, melhor, de sua “poética do deslocamento” e, embora sempre dando a preferência a criatividade do andarilho, sua inquietude e paixão, reconhece que nenhuma opção vive sem a outra. Na galeria de personagens que constrói literariamente aparecem vários exilados que vivem essa contradição como, por exemplo, a comunidade de galeses, que o escritor inglês visita em Puerto Madryn, e que fugiram do domínio político do reino inglês, procurando refúgio no lugar mais afastado possível para poder continuar sendo “galeses”.

Uma grande parte do material da primeira pesquisa sobre a anatomia da inquietude está disseminada pelos livros de Chatwin. De maneira exemplar nos anexos de seu segundo livro de viagens, *Songlines*, de 1987, que deram ao relato explicitamente ficcional sobre os nômades aborígenes australianos uma aparência de dissertação, de pesquisa misturada com um relato de realidade incerta. No livro, traduzido no Brasil como *Canto Nômade*, Chatwin discorre sobre um mito aborígene australiano do “tempo dos sonhos” em que a terra foi cantada em seu devir, em que as canções desenharam cada montanha, marcaram cada

¹ O fragmento de Baudelaire vem dos diários íntimos: “Étude de la grande maladie de l’horreur du domicile. Raisons de la maladie. Accroissement progressif de la maladie. Indignation causée par la fatuité universelle de toutes les classes, de tous les êtres, dans les deux sexes, dans tous les âges. L’homme aime tant l’homme que, quand il fuit la ville, c’est encore pour chercher la foule, c’est-à-dire pour refaire la ville à la campagne.”

trilha e nomearam cada pedra no caminho como se a realidade da criação fosse contida nas canções e como se as narrativas míticas contivessem os mapas e a memória da passagem do homem pelo deserto. Desta maneira, a narrativa do espaço é a apropriação do lugar e, ao mesmo tempo, sua invenção ou a fonte de sua criação, uma idéia que encantou o escritor, colecionador não de territórios, mas de representações dos lugares e dos personagens passíveis de interpretação contínua. Chatwin lê o mundo como um texto e os textos que lê, durante as viagens numa forma de movimento-leitura, se sobrepõem a sua experiência viva, criando assim um entrelaçamento entre fato e signo e entre testemunho próprio e depoimento do outro.

Lendo o primeiro livro de Chatwin, *Na Patagônia*, o que mais surpreende é a decepção de qualquer expectativa que um leitor comum de relatos de viagens possa ter com um livro que se apresenta como tal. Não nos oferece nenhuma descrição de como chegar de um lugar a outro, as paisagens são cristalizadas em fragmentos precisos, condensados e, às vezes, brilhantes, mas sem a desenvoltura informativa que o gênero normalmente exige. O que sobressai é a galeria de personagens curiosos que Chatwin consegue juntar em pequenos retratos decisivos, que em poucas linhas conseguem determinar uma personalidade, e todos a serviço de um devaneio do viajante que tem sua base na autobiografia e na exploração das reminiscências da memória familiar.

É fundamental para entender o relato do livro seguir sua elaboração a partir de um pedaço de pele que na infância de Bruce em Birmingham estava no gabinete de sua avó numa coleção de outros objetos fascinantes que para o menino formavam um verdadeiro bestiário fantástico. Chatwin conta que a avó recebeu esse pedaço de pele de seu primo, um capitão da marinha comercial, Charles Milward que sofrera naufrágio na Patagônia e que entre outras muitas aventuras se aliou a um garimpeiro alemão e explodiu uma gruta pré-histórica em Puerto Natales. Lá ele teria encontrado alguns ossos e uma pele de um animal pré-histórico que mais tarde vendeu para um museu europeu, salvo um pequeno pedaço que deu para sua prima, a avó de Chatwin, como presente de casamento. Esse

pedaço de pele guardado pela avó numa caixinha de costura foi a principal fonte de imaginação para o jovem Bruce. Achava na época que a pele era de um brontosaurus, um animal tão grande e bruto que, segundo o relato da avó, não cabia na arca de Noé. Depois ele descobre que na realidade era de um *mylodon*, uma espécie de preguiça gigante que vivia nas terras do continente sul-americano a milhares de anos e provavelmente extinta entre 12.000 e 10.000 anos atrás.

A procura da origem dessa pele torna-se a finalidade da viagem de Chatwin à Patagônia, e a gruta o seu último destino. No final do livro ele de fato consegue entrar na gruta e, no chão da gruta, coletar uns pelos vermelhos entre bostas fossilizadas do animal gigante do outro mundo. Assim, a viagem à Patagônia adquire várias dimensões simultâneas: era a procura da parte mais remota do mundo, o último lugar que o homem chegou a andar e ao mesmo tempo um lugar em que a história se confundia com a imaginação e a verdade com a mentira. Na perspectiva biográfica também era a procura do menino que Chatwin fora um dia. O autor descobre que o Charles Milward não era o herói que foi para a família dele na infância, nem mesmo era o descobridor da pele, mas um simples ladrão que roubou o achado de um morador local e tirou proveito de sua venda. A história pouco gloriosa do homem une-se nesse pedaço de pele com a pré-história de sua origem, abrindo para uma dimensão de imaginação e mito, mas também da ciência desafiada pelos enigmas primordiais da nossa realidade.

Os livros de Chatwin, salvo *The Black Hills* e *Utz*, são compostos por fragmentos, citações, pequenos retratos, observações, sementes de histórias e descrições instantâneas que formam um tipo de colcha de retalho em que tudo é desfeito e costurado de novo. Chatwin comenta que a cor predominante entre os nômades é azul e sua arte preferida a colcha de retalho. Um pedaço de tecido azul gasto e desbotado freqüentemente é muito mais apreciado pelos nômades, observa, porque preserva a impressão do tempo e das associações humanas.

O estudo da literatura de Chatwin interessa hoje não apenas pelas qualidades de escrita, nem pelas inovações que traz para o gênero

do relato de viagem contra o qual Chatwin sempre tentou se rebelar e cujo rótulo ele nunca aceitou. No entanto, se percebe na preferência de Chatwin pela viagem como cenário de escrita uma diferença em relação aos entrelaçamentos anteriores entre os gêneros da viagem, por um lado, e os gêneros das formas ficcionais, por outro. Seja entre os relatos da aventura e da exploração dos descobridores do século XIX e os grandes romances de Stevenson, Melville, Conrad e London, seja entre a figura fundadora da experiência modernista de estranhamento e transgressão e as investidas antropológicas ao encontro com o outro nos relatos de Mead, Malinowski e Lévi-Strauss, no século XX. O que fica claro é que os livros de Chatwin, em estrutura e intenção, não parecem pertencer a nenhum gênero conhecido. São inspirados pela procura insaciável do desconhecido, sempre em direção a fenômenos, situações e personagens estranhos no limite entre o real e o irreal, entre o histórico e o fantasmático. Há um contorno de aventura antropológica e de estudo mitológico, na melhor tradição de *Tristes Tropiques*, mas também há algo de *Indiana Jones* que lembra os verdadeiros aventureiros da infância. Tudo é elaborado numa mistura heterogênea de registros auto-biográficos, confissões íntimas, observações extravagantes e livros de sonhos. Seu olhar é dirigido pela preferência por um exotismo exaltado, mas também por projetos de purificação e penitência puritana. Ainda assim, sua escrita tem disciplina e coerência, ou como disse um crítico inglês sobre *Na Patagônia*:

É um livro de atleta: treinado, duro, elegante; não um relato de viagem exatamente, nem uma dissertação acadêmica tampouco, mas uma interpenetração de ambos, detalhado como tanta perícia que a viagem torna-se parte da pesquisa e a pesquisa parte da procura em um movimento contínuo, porém esporádico (SHAKESPEARE, 2000, p. 326).

O falecido escritor alemão, W. G. Sebald (2005), lembra no seu ensaio sobre Chatwin que a pele do brontosauro ganha certa semelhança com a “pele de onagro” do romance homônimo de Balzac. Aqui, é uma

pele que oferece satisfação aos desejos mais indecentes e secretos, mas encolhe um pouco com cada satisfação e assim leva à morte do próprio desejo. Num momento inicial do romance de Balzac, o personagem principal, Rafael, é introduzido num armazém fantástico onde recebe a recomendação de ler as obras do geólogo Cuvier, comparadas às maiores obras de poesia.

Não é Cuvier o maior poeta do nosso século? Bem que Lord Byron reproduziu através das palavras algumas agitações morais, porém, o nosso imortal naturalista reconstruiu mundos com ossos esbranquiçados, e, como Cadmo, reedificou cidades a partir de alguns dentes, repovoou mil florestas de todos os mistérios da zoologia com uns poucos fragmentos de carvão de pedra, redescobriu populações de gigantes na pata de um mamute. Essas figuras se aprumam, engrandecem e povoam regiões em harmonia com suas colossais estaturas. Ele é poeta com as cifras do sublime ao pôr um zero ao lado de um sete. Desperta o Nada sem pronunciar palavras artificialmente mágicas; pesquisa um pedaço de gipsita, no qual percebe uma pegada e exclama: – Vede! – De repente os mármore se animalizam, a morte se vivifica, o mundo se desenvolve (BALZAC, 1996, p. 28-29).

Lendo as obras de Cuvier, diz o guardador do armazém, a imaginação desliza sobre os abismos ilimitados do passado, trazidos à tona por esse gênio. E descobrindo os fósseis das criaturas antediluvianas camada por camada nas rochas de Montmartre e nas montanhas de Ural, a alma se sente pequena e extasiada diante do infinito, vendo os bilhões de anos e os milhões de nações esquecidos pela curta memória da humanidade. “Em presença dessa espantosa ressurreição devida à voz de um homem, a migalha que nos é concedida em usufruto neste infinito sem nome, comum a todas as esferas e que denominamos TEMPO, este minuto de vida nos dá pena” (BALZAC, 1996, p. 28-29).

Poderíamos criar outras associações entre a pele do brontossauro e semelhantes objetos mágicos da literatura universal, por exemplo com a mítica “pele de asno”, mas Balzac (1996) cria no romance uma associação entre o desejo humano que se extermina ao ser realizado e o paradoxo

do conhecimento que parece diminuir vertiginosamente a cada passo tomado para ampliá-lo. Ou melhor, os limites da obsessão realista de Balzac, expressa na diversidade caótica do armazém, de coletar e recolher a realidade em todas suas manifestações, são colocados em evidência pelos traços da totalidade orgânica que se percebem nos fósseis da paleontologia de Cuvier e que revelam uma nova dimensão de tempo que extrapola a noção tradicional da história e se torna um desafio, segundo Balzac, para os escritores da narrativa, para os “poetas do sublime”. Para Chatwin a procura do tempo perdido se expressa numa mania colecionadora de fragmentos que sua narrativa converte em mementos significativos, num resgate de memória viva que, se não pode mais servir para a utopia de um sentido da “história”, ao estilo do século XIX, na escrita de Chatwin nos lembra, como sublinha Sebald (2005, p. 178), do que não podemos alcançar na experiência viva. “Isso é provavelmente a camada mais profunda de muitas no processo da escrita”.

Na história europeia da ciência natural, Georges Cuvier, que vivia entre 1769 e 1832, era um dos nomes mais importantes de seu tempo. Ele concentrou seu trabalho na paleontologia, a ciência dos fósseis e da anatomia comparada e seu trabalho com os descobrimentos das escavações na bacia de Paris influenciou uma geração inteira, por exemplo seu discípulo Geoffrey Saint-Hilaire que teve uma importância enorme para a ciência natural brasileira.

Em 1796, o zoólogo francês descreveu um crânio fossilizado enorme encontrado em Paraguai. Tinha o tamanho de um crânio de elefante, mas o animal era totalmente desconhecido e Cuvier demonstrou, usando a técnica, por ele inventada, do “princípio de correlação”, que se tratava de uma preguiça gigante da família do bicho preguiça, mas bem maior de que um elefante. Batizou-o da “besta grande” – *Megatherium* – e, em realidade, era um parente próximo do animal fossilizado, cuja pele foi roubada por Charles Milward, o *Mylodon*, ambos residentes no continente sul-americano em torno de dois milhões de anos e oficialmente extintos há 10.000 anos.

Em 1830 o naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund visitou Paris e teve a oportunidade de acompanhar com grande entusiasmo as palestras de Cuvier sobre a história natural. Durante a mesma viagem ele conheceu o Alexandre von Humboldt, tendo a oportunidade de estudar juntos alguns novos mapas do Brasil feitos pelo colega alemão von Eschwege. Humboldt, que nunca chegou ao Brasil, recomendou o jovem Lund de apenas 29 anos, que voltaria ao Brasil pela segunda vez, de procurar e pesquisar as grutas calcárias a fim de estudar as ossadas da megafauna. Os dois mantiveram correspondência até a morte de Humboldt em 1859, e Lund chegou a batizar em sua homenagem o maior exemplar que encontrou dos animais pré-históricos de *Megatherium humboldtii*. A intenção inicial da viagem do naturalista dinamarquês era dar continuidade a suas pesquisas na flora e fauna brasileira, mas sabemos que um encontro casual mudou essa determinação. Em 1832, Lund estava a caminho de Sabará em companhia do colega prussiano Luiz Riedel para realizar o percurso percorrido pela maioria dos naturalistas estrangeiros no Brasil, entrando em Minas Gerais pela Serra dos Órgãos até Sabará para depois subir em direção a Bahia antes de voltar pro Rio de Janeiro. Durante um pernoite na aldeia de Curvelo, à aproximadamente 100 quilômetros ao norte de Lagoa Santa, encontrou um misterioso compatriota Peter Claussen, chamado pelos brasileiros de Pedro Cláudio Dinamarquês, residente na região que hospedou os dois na sua fazenda Porteirinhas. Claussen é um personagem misterioso e foi descrito por Lund como um oportunista desonesto e quase um bandido. Ele era talvez dez anos mais velho, casado e vivia de extrair sulfato das grutas mineiras de onde também tirava fósseis dos animais pré-históricos que vendia para os grandes museus europeus e para colecionadores particulares. Tinha acompanhado a expedição de Friedrich Sellow, um dos membros da expedição do Barão von Langsdorf, ao Rio de la Plata, tinha sido soldado de aluguel, caçador de escravos fugitivos e também explorador de minas e autor de importantes mapas topológicos que o levaram a ser aceito como membro do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e receber uma ordem de reconhecimento do próprio Imperador. Darwin

faz menção a ele junto com Lund no livro *Origem das Espécies*, e muitas ossadas brasileiras no Museu Britânico da História Natural levam seu nome. Foi Claussen que mostrou a Lund os primeiros fósseis coletados e identificados por ele com a ajuda do livro de William Buckland: *Reliquiae diluviana*. Buckland interpretava a idéia cautelosa de Cuvier de uma destruição natural da fauna pré-histórica como uma prova científica do dilúvio bíblico. É fascinante pensar que Claussen, um aventureiro muito parecido ao Charles Milward, participou nas primeiras escavações da mega-fauna no sul de Brasil e no Uruguai, acompanhando Friedrich Sellow, e depois ao escavar as grutas calcárias de sulfato para a produção de explosivos abriu o caminho para a pesquisa do cientista Lund que fundou a paleontologia brasileira. Nas biografias sobre Lund, Claussen não recebe nenhum crédito e foi acusado de muitas coisas, em 1842 ele viaja para Europa com a família e desaparece em Londres, onde supostamente morre de sífilis. Mas o encontro foi decisivo para Lund que interrompeu a viagem e se estabeleceu na Lagoa Santa para durante 10 anos explorar mais de cem grutas na região. Escreveu sete dissertações científicas sobre a mega-fauna brasileira e, finalmente, podia despachar a coleção para Dinamarca em 1843.

O início da pesquisa de Lund (1950) era claramente inspirado nas teorias de Cuvier e de Buckland o que fica evidente no título de sua dissertação: *Vista da fauna do Brasil anterior à última revolução geológica*. Posteriormente, Lund se arrependeu muito do título, mas no início sua idéia era que as grutas calcárias eram em sua origem de um tempo anterior à vida e que nas camadas sedimentadas mais recentes haviam restos fossilizados da era terciária, a pré-história da mega-fauna anterior a aparição do homem e separada da fauna atual por uma ou várias grandes catástrofes naturais. Lund catalogava os espécimes da mega-fauna exterminada, tentando compreender seu mundo e na convicção de que pertenciam a uma espécie de esboço divino da criação que depois fora apagado por completo apesar das semelhanças entre algumas espécies com os animais conhecidos de nossa época. Como não encontrava restos da fauna pré-histórica nas mesmas camadas da fauna histórica

achou por comprovado sua teoria e pensou ainda ter provado que o homem pertencia ao plano divino mais avançado, pois inicialmente não encontrou nenhuma evidência de contato entre o homem e a fauna pré-histórica. A grande força do trabalho de Lund se devia a sua honestidade e meticulosidade empírica que permitia descrições precisas quase completas das ossadas em solo brasileiro. Quando de repente encontrou os restos de uma simples lontra entre animais pré-históricos depois de anos seguindo uma visão teórica diferente, incluía e discutia em sua dissertação essa possibilidade de incrível exceção de sua teoria. Seria a lontra a única espécie sobrevivente da catástrofe? E quando em 1842, quase concluída sua obra, finalmente, encontrou os primeiros restos do homem pré-histórico do continente sul-americano de 10 a 12 mil anos atrás, o chamado “homem de Lagoa Santa”, as premissas das primeiras dissertações já publicadas em Europa caíram totalmente por chão. A nova evidência o levou a redigir uma revisão profunda de suas próprias idéias que envolvia uma aguda crítica das teorias de Cuvier e de Buckland. Infelizmente, essa revisão apenas foi parcialmente publicada pelos seus contemporâneos e sem suas principais conclusões teóricas. O enorme esforço de Lund durante esses dez anos caiu no ostracismo, a coleção que mandou para Dinamarca em doação ao Rei Christiano VIII permaneceu por mais de dez anos nas mesmas caixas fechadas e afastada dos pesquisadores e, apesar de algumas tentativas fracassadas, Lund nunca mais voltou para Dinamarca, mas ficou durante o resto de sua vida vivendo tranquilamente durante 30 anos em Lagoa Santa.

O que para Lund era um argumento contra a continuidade evolutiva das espécies foi para Darwin, pela semelhança morfológica entre a mega-fauna e a fauna histórica e apesar da diferença em tamanho, uma evidência da transformação evolutiva das espécies. Considerando a discussão na última dissertação de Lund, hoje, se percebe uma aproximação entre os dois cientistas ainda maior, mas o que interessa aqui, entretanto, não é a polêmica científica entre criacionismo e evolucionismo nem a biografia desse viajante naturalista. Comparando a trajetória dos dois viajantes, Chatwin e Lund, unidos por um animal pré-

histórico, é possível chegar a certas conclusões a respeito de dois olhares diferentes, de duas formas de viagem, duas formas de investigação e duas formas de representação que separam o contemporâneo do viajante do século XIX. Para o naturalista do século XVIII, representar o mundo já implicava a procura de uma analogia profunda entre as imagens ou os escritos e as características intrínsecas aos seres da natureza. A formação de um domínio empírico dependia da construção de um sistema de signos e corresponde a um projeto de medida e ordem universal assim como se expressa nas taxonomias de Carleus Linneu de 1735. Foucault escreve assim sobre o pensamento do século XVIII:

A grande proliferação dos seres na superfície do globo pode entrar, graças à estrutura, ao mesmo tempo na sucessão de uma linguagem descritiva e no campo de uma máthêsis que seria a ciência geral da ordem. E essa relação constitutiva, tão complexa, instaura-se na simplicidade aparente de um *visível descrito* (FOUCAULT, 1987, p. 151).

Dessa maneira a linguagem do cientista baseava-se na grande afinidade com o objeto representado e desenvolvia-se como uma descrição do visível em sua extensão que visa à aproximação entre o que se vê e o que se diz. Abria-se mão da compreensão da funcionalidade orgânica a favor da classificação estrutural.

Vêm-se menos a planta e o animal em sua unidade orgânica que pelo recorte visível de seus órgãos. Eles são patas e cascos, flores e frutos, antes de serem respiração ou líquidos internos. A história natural percorre um espaço de variáveis, simultâneas, concomitantes, sem relação interna de subordinação ou de organização (FOUCAULT, 1987, p. 151).

O objeto privilegiado da abordagem do século XVIII é a taxionomia das plantas e, em Lund, ainda se percebe esse olhar pousado sobre as coisas que favorece a presença neutra dos seres na sua formação estática e imóvel. Mas Lund encontra-se na encruzilhada entre dois olhares científicos e aparece em seus escritos a suspeita de uma ordem

escondida, oculta, por trás da ordem visível e advinda da profundidade dos seres. Dessa forma segue os passos de Cuvier que, como escreve Foucault, um dia no final do século XVIII quebrou os frascos do museu para dissecar a “grande conserva clássica da visibilidade animal”. Dessa forma, Cuvier arranca outra visibilidade da descrição e inicia-se uma nova narração que ressalta a anatomia animal em detrimento da classificação e o organismo em vez da estrutura para elucidar na profundidade a potência não revelada ao olho nu.

Na leitura de Foucault (1987), Cuvier ocupa uma posição central nessa ruptura epistemológica com a lógica clássica de que se inicia um novo regime representativo e um novo papel da linguagem que de agora em diante tenta captar a dinâmica da própria vida no seu devir, abandonando a taxonomia descritiva e classificatória. Em vez da botânica, a ciência paradigmática agora é a anatomia que permite estabelecer “relações de indicação entre elementos superficiais, portanto visíveis, e outros que estão encobertos na profundidade do corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 285). As técnicas da anatomia e da anatomia comparada, inventadas por Cuvier, um só osso poderia ser o índice suficiente para a reconstrução da arquitetura geral do organismo o que atribui um novo papel estratégico ao estudo dos fósseis:

Enquanto, para o pensamento do século XVIII, o fóssil era uma prefiguração das formas atuais e indicava assim a grande continuidade do tempo, será doravante a indicação da figura à qual realmente pertencia. A anatomia não somente quebrou o espaço tabular e homogêneo das identidades; rompeu a suposta continuidade do tempo (FOUCAULT, 1987, p. 286).

Essa ruptura condiciona uma nova “historicidade própria à vida: aquela de sua manutenção em suas condições de existência. O “fixismo” de Cuvier, como análise de tal manutenção, foi a maneira inicial de refletir essa historicidade no momento que ele aflorava, pela primeira vez, no saber ocidental” (FOUCAULT, 1987, p. 291). É assim que a descontinuidade introduzida no espaço clássico abre o desafio de uma narrativa das forças inerentes à vida e uma historicidade que condicionará

a noção de natureza que já não representa um fundamento ontológico para a representação dos seres vivos. Ainda não existe uma história evolucionista do ser, “mas o ser vivo é pensado, logo de início, com as condições que lhe permitem ter uma história.” (FOUCAULT, 1987, p. 291). Foi necessário romper com o pressuposto clássico de continuidade e crescimento para receber uma noção de historicidade que permitisse “ao pensamento moderno aprendê-los (aos seres vivos) e desenvolver, em seguida, a ciência discursiva de sua sucessão” (FOUCAULT, 1987, FOUCAULT, 1987, p. 291). Em outras palavras, percebe-se aqui uma narrativização do discurso científico que procuraria dar conta das discontinuidades e dos processos dinâmicos, das passagens do inorgânico ao orgânico e das funções invisíveis e dessa “força longínqua” que expressa a vida. É a vida animal em sua complexa constituição de natureza e contra-natureza, vida e morte, o bem e o mal, que extrapola as leis gerais do ser e se torna o grande segredo da existência, desafiando as possibilidades representativas.

No século XIX, a nova compreensão dinâmica do organismo tem um impacto forte e ao invés de apenas combinar as partes de um corpo, distribuídas espacialmente, surge a procura da lógica do organismo atrás da combinatória e o registro da forma cede caminho à transformação. São cientistas como Alexander von Humboldt e Johan Wolfgang Goethe que oferecem uma visão panorâmica e dinâmica da existência que visa entender a transformação da vida como um todo e que envolve a compreensão existencial do homem no universo. Recupera-se a compreensão da palavra *natureza* como volta à origem, o plano da criação, e o próprio sentido existencial da vida do viajante, do cientista e do poeta encontrar-se-á cifrado na compreensão da ciência natural. O fascínio pela paleontologia, o estudo dos palimpsestos da criação, a paleologia da natureza, expressa o esforço de ler os projetos originais do criador, e desse modo chegar a uma compreensão da verdade existencial romântica e, assim, a viagem e a escrita da viagem encontram uma síntese na tentativa de recompor a unidade fundamental do homem no mundo.

Na versão de Chatwin, a pré-história também emerge a partir de um pedaço de pele, um fragmento deixado pelos restos do *Myiodon* congelado num glacial, com uma textura enganosamente carnal que estimulava todo tipo de imaginação sobre sua possível realidade histórica. Mas é apenas um fragmento isolado, que em vez de dar acesso a alguma dinâmica da natureza se revela profundamente cultural. Tirada de uma coleção de curiosidades de viagens passadas, a pele torna-se um índice de uma biografia familiar cuja reconstrução se dá numa seqüência aparentemente casual de encontros, fatos e histórias, falsas ou verdadeiras, que o viajante segue sem outro fim do que a origem imaginária na gruta de Puerto Natales. Dessa forma, Chatwin coloca sua própria autoria em cena, ele é como escritor levado pelas contingências de seu caminho deslocado e sua volta à origem não passa de uma volta ao gabinete da avó e ao mundo imaginário de sua infância. Sua coleção de reminiscências não passa de uma cadeia aparentemente casual e deslocada de contingências, encontros, experiências, relatos, mentiras, citações que costura a figura de sua escrita. Não se deve esperar nenhum sentido final, pois a viagem tem sua própria compensação e na teia interpretativa tampouco se costurará uma compreensão dos temas investigados senão um aprofundamento de seu mistério e um mergulho na sua deriva. Trata-se de um relato de viagem que também é uma “escrita de si”, mas não, no sentido do século XIX, em direção a uma união sublime entre a apropriação do universo e a compreensão de si mesmo (Goethe), nem de uma experiência transgressiva, no sentido modernista do século XX, de dissolução da identidade cultural no encontro radical com o outro (Artaud). No caso de Chatwin, a procura é de um viajante à deriva, quase perdido, que não consegue partir da verdade e que escreve seu movimento inquieto para entender a força anônima que o obriga a viajar.

Referências Bibliográficas

BALZAC, Honoré de. *A pele de Onagro*. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. *Mon coeur mis à nu* : journal intime, 1887.

CHATWIN, Bruce. *Anatomy of Restlessness: Selected Writings 1969-1989*. London: Penguin, 1997.

_____. *What am I doing here?* New York: Penguin, 1997.

_____. *Na Patagônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Utz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O rastro dos cantos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Colina Negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LUND, Peter Wilhelm. *Memórias sobre a paleontologia brasileira*. Revistas e comentadas por Carlos de Paula Couto. Rio de Janeiro: INL, 1950.

SEBALD, Georg. *The Mystery of the Red Brown Skin – An Approach to Bruce Chatwin*. New York: Random House, 2005.

SHAKESPEARE, Nicolas. *Chatwin, a biography*. London: Nan A. Talese, 2000.

STANGERUP, Henrik. *Na trilha de Lagoa Santa*. Rio de Janeiro: Record, 2002

Recebido em 28 de setembro 2009

Aprovado para publicação em 15 de novembro 2009